

APRECIÇÃO ACERCA DO PENSAMENTO SOCRÁTICO NA PERSPECTIVA HADOTIANA

ASSESSMENT ABOUT SOCRATIC THOUGHT IN THE HADOTIAN PERSPECTIVE*

CESAR AUGUSTO VERAS**
RAYMMON PABLO VALE DOS SANTOS***
FERNANDO CAMPOS PEIXOTO****
PEDRO PEREIRA BORGES*****
UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO, BRASIL

Resumo: O presente artigo tem como tema o pensamento socrático na perspectiva de Pierre Hadot, isto é, como este pensador entende e apresenta a filosofia de Sócrates. Em suma, propor um novo projeto de vida à luz da filosofia, propriamente socrática entendida por Hadot. Este trabalho pretende resgatar o pensamento de Sócrates - apresentado por Hadot - viabilizando compreender os efeitos se realizada a aplicação do exercício socrático. A metodologia adotada para atender tais objetivos expostos acima foi de caráter bibliográfico documental. O método adotado é o dedutivo. As pesquisas dão conta que a figura de Sócrates, como apresentada por Pierre Hadot, contribui para um resgate do papel do filósofo nos tempos atuais, este como um agente social, isto é, capaz de discutir e repropor novos caminhos, não levando em consideração aquilo que já é dado, mas sempre estando disposto a rediscutir e rever os próprios pressupostos e paradigmas, postura imprescindível para aqueles que desejam atuar no ensino superior.

Palavras-chaves: Saber. Conhecimento. Diálogo. Dialética. Alma.

Abstract: This article has as its theme the Socratic thinking from Pierre Hadot's perspective, that is, how this thinker understands and presents the philosophy of Socrates. In short, to propose a new life project in the light of philosophy, properly Socratic understood by Hadot. This paper aims to rescue the thought of Socrates - presented by Hadot - making it possible to understand the effects if the application of Socratic exercise is performed. The methodology adopted to meet the above objectives was documentary bibliographic. The adopted method is the deductive one. Research shows that the figure of Socrates, as presented by Pierre Hadot, contributes to a rescue of the role of the philosopher in the present times, this as a social agent, that is, capable of discussing and re-proposing new ways, not considering that that is already given, but always being willing to rediscuss and review their own assumptions and paradigms.

Keywords: Know, Knowledge. Dialogue. Dialectics. Soul.

* Artigo recebido em 23/09/2019 e aprovado para publicação pelo Conselho Editorial em 10/12/2019.

** Pós-graduado em Docência Superior pela Universidade Católica Dom Bosco, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2914168692412018>. E-mail: semcesaragusto@gmail.com.

*** Bacharel em Filosofia pela Universidade Católica Dom Bosco. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0623257958517820>. E-mail: raymmonpsantos@hotmail.com.

**** Pós-graduando em Gestão de Pessoas pela Universidade Católica Dom Bosco, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7475924105034847>. E-mail: fernandocamposdf@gmail.com.

***** Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2695692576027459>. E-mail: pobojari@uol.com.br.

1. INTRODUÇÃO

A filosofia entendida por Sócrates (469 a.C. ou 470 a.C.-399 a.C.), não mais como algo predominantemente teórico como pretendiam os sofistas¹, mas como um modo de vida, modo de vida tal que é reflexo da interioridade revolucionária todo o conceito do saber. Sócrates é compreendido na perspectiva hadotiana como alguém que propõe fazer da filosofia um modo de vida, isto é, segundo ele é possível ao ser humano no cotidiano da vida saborear a si mesmo.

Pierre Hadot (1922-2010), especialista em filosofia helenística, em especial a platônica, também entendia a filosofia como um modo de vida. A sua contribuição para a transposição da filosofia helenística para os dias atuais se deu por meio de uma prática conhecida como exercícios espirituais², que tinham como meta o desenvolvimento das pessoas, a ponto de encontrar-se consigo mesmas. Nesse sentido, a formação integral do discente não é uma formação tão somente pautada no interesse de conceitos, mas antes de tudo, uma educação para a realidade, uma filosofia que lida com as coisas reais. Com isso, o docente, aquele que ensina, que proporciona uma facilitação para o discente alcançar a sabedoria, deve auxiliá-lo na construção de si por meio do questionamento de suas aparências que envolvem, obscurecendo a verdade.

Este trabalho tem como objetivo, resgatar o pensamento de Sócrates - apresentado por Hadot - viabilizando compreender os efeitos se realizada a aplicação do exercício socrático. Nesse sentido, pretende-se analisar o pensamento socrático, a partir da perspectiva hadotiana, elucidando suas contribuições e a possibilidade de traçar novos caminhos, um novo projeto de vida à luz da filosofia, propriamente socrática entendida por Hadot. Assim, por meio da exposição do pensamento socrático, na leitura hadotiana, se propõe refletir a possibilidade da aplicação de tal método no ensino superior pelo discente, na relação “mestre-discípulo”.

A partir de uma revisão bibliográfica documental e análise dedutiva-indutiva de tais matérias, busca-se neste trabalho responder aos objetivos acima relatados e facilitar ao leitor um melhor acesso ao tema propostos. Para este efeito o artigo está dividido, além da

¹ Os sofistas eram um grupo de filósofos da Grécia Antiga (por volta dos sécs. V e IV a.C.), que se valiam muito da retórica afim de ensinar seus alunos, estes filósofos percorriam diversas cidades afim de espalharem seus conhecimentos.

² Acerca disso, conf. NUNES, Lucas Alves; VERAS, Cesar Augusto; TREVIZAN, Marcio Bogaz. **A compreensão de ‘exercícios espirituais’ em Pierre Hadot.** Disponível em: <http://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis/article/view/1422>. Acesso em: 11 Set. 2019.

introdução, em quatro tópicos. O primeiro trata apresenta como Hadot interpreta a filosofia de Sócrates. Quanto ao segundo, este procura abordar como Sócrates encara a tarefa levar o ser humano à consciência de nada saber. Já o terceiro tópico busca mostrar a inquietação que o indivíduo vive em questionar a si mesmo e a sua intenção moral. Por fim, o quarto tem por finalidade mostrar como Sócrates busca o autoconhecimento como um modo de cuidado de si com a finalidade de viver melhor conhecendo-se interiormente.

2. A FILOSOFIA DE SÓCRATES SEGUNDO HADOT

Para Hadot (1998), a figura de Sócrates tem uma grande influência quando Platão em seu livro “*O Banquete*” define o filósofo e toma consciência do papel do mesmo em meio aos homens. De acordo com Hadot, ao se estudar Sócrates, é preciso recorrer ao Sócrates mítico, visto que o histórico é dificilmente possível de conhecer. Este mítico o qual se recorre é apreensível a partir das obras de seus primeiros discípulos, principalmente de Platão, cujas obras são mais completas, apesar de dar abertura à velha pergunta se Sócrates realmente existiu ou é apenas uma obra literária aquilo que Platão escreveu. Talvez seria possível uma ideia muito diferente de quem foi Sócrates se as obras produzidas em todas as escolas fundadas por seus discípulos tivessem sobrevivido (HADOT, 1998, p. 36)³. Contudo, são apenas especulações desenhar outro Sócrates a partir do que se imagina de suas características sem recorrer ao que existe sobre ele. O importante é que "sua figura ideal, tal qual foi desenhada por Platão no *Banquete*, [...], que desempenhou papel fundador em nossa tradição ocidental e mesmo no nascimento do pensamento contemporâneo" (HADOT, 2012, p. 7-8).

Existe uma linha muito tênue entre a figura de Sócrates e a de Jesus. Ambos tiveram uma influência muito grande quando exerceram suas atividades, sendo elas em um curto período. Viveram em uma cidade muito pequena e foram seguidos por um número reduzido de discípulos. Nenhum dos dois escreveu nada, mas existem sobre eles testemunhos "oculares". Sobre Sócrates, **As Memórias de Xenofonte** e os diálogos de Platão; sobre Jesus, os Evangelhos (HADOT, 1998, p.35)⁴. Apesar de existirem testemunhos oculares registrados em relação a ambos, é muito difícil distinguir a figura histórica e a figura mítica. Os discípulos

³ "Tendríamos quizás una idea muy diferente de lo que fue Sócrates si las obras producidas em todas las escuelas fundadas por sus discípulos hubieran sobrevivido" (HADOT, 1998, p.35, Tradução própria).

⁴ "Ninguno de los dos escribió nada, pero tenemos acerca de ellos testimonios "oculares": sobre Sócrates, las *Memorables de Jenofonte*, los diálogos de Platón; sobre Jesús, los *Evangelios*" (HADOT, 1998, p.35, Tradução própria).

de ambos os personagens fundaram escolas para difundir a mensagem do mestre. Contudo, a peculiaridade das escolas fundadas pelos socráticos é que esta última era dotada de uma imensa complexidade entre si. A esses dois personagens, o tema da verdade os une. Também Jesus é uma pessoa que leva seu interlocutor a perguntar-se pela verdade. Diante de Pilatos, aquele que o condenaria, levou o mesmo a interrogar-se: “Que é a verdade?”⁵.

Apesar de as escolas socráticas terem suas peculiaridades, o que elas têm em comum é que com elas aparecem o conceito, a ideia de filosofia, que posteriormente poderá ser analisada como discurso vinculado a um modo de vida e como um modo de vida vinculado com certo discurso (HADOT, 1998, p. 36)⁶. Em contrapartida, nas comunidades cristãs havia princípios básicos e inquestionáveis que deveriam ser seguidos para que alguém pudesse ser reconhecido como cristão.⁷

3. A TAREFA DE SÓCRATES

De acordo com Marcondes (2001), Sócrates ao ser levado para o tribunal, diante de um júri de 501 cidadãos, prefere não se defender. Utiliza, porém, de sua fala para ironizar os acusadores e assumir as acusações infligidas a ele. Além disso, denota a coerência com o que ele ensinava, isto é, opta por não renunciar seus ensinamentos. Ironizando o tribunal, dizia-se o mais sábio dentre todos, pelo motivo de nada saber. Para Sócrates, *apud* Hadot (1998), o filósofo não é aquele que sabe tudo, mas é aquele que está consciente de nada saber e por isso vive numa procura constante. “A tarefa de Sócrates, [...], será fazer que os demais homens tomem consciência de seu não saber, de sua não-sabedoria (HADOT, 1998, p. 38)⁸. A figura de Sócrates aparece sempre como aquela que a descobre como alguém inquietante e desconcertante, pois leva o homem a tomar consciência de sua limitação quanto ao saber. Se mascarava utilizando-se da ironia, tornando-se um questionador, levava desse modo seus interlocutores a reconhecer a ignorância na qual estavam naufragados, “ele os enchia de uma

⁵Conf. Jo 18,38

⁶“Con ellas aparece el concepto, la idea de filosofía, concebida, lo veremos, como cierto discurso vinculado con un modo de vida y como un modo de vida vinculado con cierto discurso” (HADOT, 1998, p.36, Tradução própria)

⁷ Acerca disso, pode-se consultar a Didaqué, escrito pelos primeiros cristãos. Uma espécie de catecismo, muito ainda “rudimentar”, sedo regras e orientações básicas quanto à organização da comunidade, do culto, da forma de vida.

⁸ “La tarea de Sócrates, [...], será pues hacer que los demás hombres tomen conciencia de su propio no saber, de su no sabiduría”(HADOT,1998,p.38, tradução própria).

perturbação que os levava eventualmente a colocar em questão toda sua vida” (HADOT, 2012, p. 11).

Sócrates utilizava para se comunicar com os seus interlocutores um método próprio. Tal método recebe o nome de Dialético⁹, o qual - O método Dialético de Sócrates - tem por finalidade colocar o outro em confronto consigo mesmo, utilizando-se da ironia e da maiêutica¹⁰, motivo pelo qual muitos queriam sua morte. Salienta Tarnas (1999,p.47) que, “com insistência, buscava respostas para perguntas que jamais haviam sido feitas, procurava derrubar pressupostos e crenças convencionais para provocar uma reflexão mais cuidadosa sobre as questões éticas”.

Pela ironia levava o homem a dar conta de si. A refutação era tida como um ato de expurgação. Sempre se colocava como interrogador, desprezava a si mesmo conscientizando-se primeiramente de que nada sabia. De acordo com Reale (1990), primeiramente Sócrates forçava uma definição do assunto; depois, destrinchava de vários modos a definição fornecida, explicitava e destacava as carências e contradições que implicava; convidava o interlocutor a tentar uma nova definição, persistia assim o percurso até o interlocutor conscientizar-se de sua ignorância. "Sócrates busca e encontra seus ouvintes nos mercados, nos ginásios, nas oficinas de artesãos, nas lojas. É um homem da rua."(HADOT, 2012, p. 17). Nesse sentido, Sócrates antes de tudo assume a condição de filósofo, uma pessoa que ama a sabedoria e busca a verdade. Acaba assim sendo considerado como um sábio justamente por admitir que nada sabe, é consciente de seu próprio não saber, sendo a privação que o fará buscar a completude.

A morte de Sócrates aparentemente findava o confronto consigo mesmo e com as situações corriqueiras, já que o pensador era um homem da rua. O pensador colocava-se diante do outro com a atitude de não saber nada e ter tudo a aprender, não como aquele que iria ensinar. A filosofia socrática consiste na arte de conhecer-se e isso implica fazer perguntas. "Sócrates assumia sempre o papel do interrogador, jamais do respondedor, pois ele declarava nada saber" (HADOT, 2012, p. 18). A missão de Sócrates é conscientizar os homens de que nada sabem, assumirem a condição própria da ignorância.

Concomitante a isso, acredita que o saber não é uma receita pronta, não pode ser escrito, mas é muito mais profundo. Desse modo, na perspectiva hadotiana, Sócrates propõe

⁹ Consiste em “parir” novas ideias, Sócrates utiliza-se do exemplo da mãe que era parteira para atribuir essa caracterização.

¹⁰ Consiste no ato de fazer perguntas a fim de levar o interlocutor à verdade por meio do questionamento e do contraponto.

uma revolução na concepção do saber, recusando o conhecimento tradicional¹¹ que acreditava ser sábio aquele que sabia muitas coisas, aquele que dominava a arte do bem falar, do convencimento, não se importando com o conteúdo, mas com a capacidade de convencer o povo. Com Sócrates, sábio é aquele que assume seu não saber e cuida da alma, conhecendo-se cada vez mais. Assim, “para aquele que cuida de sua alma, o essencial não se situa nas aparências, no costume ou no conforto, mas na liberdade” (HADOT, 2014,p.113). Assim, para Sócrates *apud* Pereira (s/d, p. 8), o que está em jogo “é o diálogo em si, que leva o indivíduo a um permanente estado de alerta acerca de suas proposições”. Diferentemente dos sofistas, que quando ensinavam o que estava em jogo é a sobrevivência, ou seja, a quantia que iriam receber.

Por meio de seu método, Sócrates leva seu interlocutor a retirar a máscara que cobre o que tem de mais belo e induz o outro a desnudar o próprio interior afim de viver na plena liberdade. Para ser livre é necessário conhecer a si mesmo e este conhecer implica ir ao cerne, isto é, ao mais profundo do ser. Sócrates parte sempre do pressuposto de que a única coisa certa é saber que nada se sabe. “A ironia socrática consiste em fingir querer aprender algo de seu interlocutor para levar ele a descobrir que não conhece nada no campo em que pretende ser sábio” (HADOT, 1998, p. 39)¹². O interlocutor, ao final do processo, se dá conta de que suas ações não têm um sentido, tampouco a própria vida, já que não atribuiu fundamento a essas coisas. Tudo o que possuem de valores até o presente momento desmorona, porque não lhes era próprio, porém eram comandados por outros. Sócrates leva-os a viver de forma autêntica, tendo um sentido para a vida e existência, num constante conhecer-se. Nesse sentido, explica Hadot (2014,p116):

A tarefa do diálogo consiste essencialmente em mostrar os limites da linguagem, a impossibilidade para a linguagem de comunicar a experiência moral e existencial. Contudo, o próprio diálogo, como evento, como atividade espiritual, já foi uma experiência moral e existencial. É que a filosofia socrática não é elaboração solitária de um sistema, mas despertar de consciência e ascensão a um nível de ser que só podem se realizar em uma relação de pessoa para pessoa.

¹¹ A formação do homem para a *polis*, a isso se pode constatar estudando os sofistas. Sobre esse assunto, pode-se conferir: VERAS, Cesar Augusto; BORGES, Pedro Pereira. **A transformação de uma filosofia terapêutica à institucionalização.** Disponível em: <http://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis/article/view/1600>

¹² “La ironía socrática consiste em fingir querer aprender algo de su interlocutor para llevarlo a descubrir que no conoce nada en el campo en el que pretende ser sábio” (HADOT, 1998,p.39, tradução própria).

O saber para Sócrates se encontra no mais íntimo do ser do homem¹³, que é a alma. Em vista disso, o conhecer para ele é adentrar-se no íntimo, desvelar a alma. Sócrates coloca em dúvida o saber aparente, aquilo que os outros acreditam possuir, mas não possuem. Este nada vale e apodrece como o corpo. “Ele é não *sóphos*, mas *philósophos*, não um sábio, mas alguém que deseja a sabedoria, porque dela está privado” (HADOT, 2012, p. 26). O saber incorruptível é aquele que ninguém pode ferir, não depende do outro, mas de si mesmo. Conforme Hadot (1998), depois de ter dialogado com Sócrates, o interlocutor já não sabe mais de nada, toma consciência de suas contradições internas e externas, duvidando de si mesmo, tendo como resultado, depois de confrontar-se, a clareza de só saber que nada sabe. “Desse sentimento de privação nasce um imenso desejo. Eis por que Sócrates, o filósofo, revestirá, para a consciência ocidental, os traços de Eros, o eterno vagabundo em busca da verdadeira beleza” (HADOT, 2012, p. 26). O objeto de análise no diálogo socrático não é o conteúdo, mas o interlocutor em si, sendo ao mesmo tempo sujeito do conhecer e objeto que é conduzido ao desnudamento.

4. O APELO DO INDIVÍDUO AO INDIVÍDUO E A INTENÇÃO MORAL

Na perspectiva de hadotiana acerca de Sócrates, filosofar, diferentemente dos sofistas, “é questionar a si mesmo, porque se terá o sentimento de não ser o que deveria ser (HADOT, 1998, p. 42)¹⁴. Sócrates, somente por estar presente em determinados lugares, inquieta o outro que se aproxima dele a questionar-se, a buscar suas razões¹⁵. “A figura de Sócrates aparece imediatamente, a quem a descobre, como desconcertante, ambígua, inquietante” (HADOT, 2012, p. 8). Os discursos socráticos são profundos e provocantes. Ao dialogar com ele, o interlocutor é provocado a uma mudança de vida radical. O questionamento socrático leva o outro a reconhecer o ‘eu’ que outrora estava velado. Salienta Hadot (2014, p.111) que,

Na ironia amorosa, Sócrates aparenta, por suas declarações amorosas, desejar que aquele que finge amar lhe dê não tanto seu saber, mas sua beleza corporal. Situação compreensível: Sócrates não é belo; o jovem é

¹³ Deve-se ter claro que para Sócrates, na leitura de Pierre Hadot, o mais íntimo do homem é a alma, o *daimon* é uma espécie de “intuição”.

¹⁴ “*es cuestionarse a sí mismo porque se tendrá el sentimiento de no ser lo que se debería ser.*”(HADOT,1998,p.42, tradução própria)

¹⁵ Pode-se cair no equívoco aqui de relacionar ao tema do sentido, abordado por Viktor Frankl no séc. XX, entretanto, “suas razões” aqui é empregado no sentido de conhecimento de si, aquilo que a pessoa é em sua dimensão mais interior.

belo. Dessa vez, porém, o amado, ou pretendido como tal, descobre, pela atitude de Sócrates, que é incapaz de satisfazer o amor de Sócrates, pois não tem em si a verdadeira beleza. Descobrindo então o que lhe falta, ele se enamora de Sócrates, isto é, não pela beleza, pois Sócrates não a tem, mas pelo amor que é, segundo a definição dada por Sócrates no Banquete, o desejo da beleza da qual se está privado. Assim, estar enamorado de Sócrates é estar enamorado do amor.

Alguns sentiam prazer ao serem questionados, isso porque ocorria uma mudança radical em sua vida após uma conversa com o itinerante pensador. No diálogo “ele objetiva a trajetória em comum e conduz o interlocutor a reconhecer que sua posição inicial era contraditória” (HADOT, 2012, p. 19). Em contrapartida, a grande maioria da elite não suportava a necessidade de superar a individualidade ao dialogar com Sócrates, convertendo-se (o interlocutor) numa universalidade. “O interlocutor se dá conta então de que ele não sabe verdadeiramente por que age” (HADOT, 2012, p. 20). Ora, se até o momento havia uma identificação com algum sistema ou modo de vida, depois de dialogar com Sócrates “O interlocutor está então cortado em dois: há o interlocutor tal qual ele era antes da discussão com Sócrates e há o interlocutor que, no constante acordo mútuo, se identificou com Sócrates e, doravante, não é mais o que ele era antes” (HADOT, 2012, p. 20).

Ao ser questionado se acaso não teria medo da morte, ou ainda, se não teria desperdiçado sua vida entregando-se à morte, ele assume uma postura tranquila, serena, não rejeitando aquilo que pregou durante toda sua vida. Para ele, é incabível temer a morte, já que não a conhece, “porque não está em seu poder, porque a experiência de sua própria morte lhe escapa por definição” (HADOT, 1998, p. 46)¹⁶. Sócrates com toda sua lucidez, sem excitar, aceita sua nova jornada, tal como um jovem pronto a iniciar sua caminhada neste mundo, porém partirá numa jornada nova e desconhecida. “Sócrates, morrendo, tornou-se o ideal novo, nunca antes encontrado pela elite da juventude” (HADOT, 2012, p. 41), um sábio que permanece calmo num grande banquete, mesmo que este esteja em ruínas e todos exaltados. Sócrates é um ser que nutre uma profunda paixão pela palavra e pelo diálogo. Contudo visa mostrar os limites da linguagem, tendo que algumas coisas só são possíveis de ver por meio de atos.

O saber socrático é fruto de escolhas. Se não é possível escolher a morte, porque não se conhece o que ela seja, então escolhendo-a a pessoa estará partindo do pressuposto que a conhece. Logo a pessoa não saberá nada porque seria necessário morrer para conhecê-la.

¹⁶“porque no está en su poder, porque la experiencia de sua propia muerte le es, por definición, ajena.”(HADOT,1998, p.46, tradução própria)

Para Sócrates, “nunca compreenderemos a justiça se não a vivermos”(HADOT,2014,p.104). Conhece o valor da ação moral e da intenção moral, porque depende de sua escolha, de sua decisão e de seu compromisso, elas têm sua origem nele mesmo (HADOT, 1998, p. 46)¹⁷. A escolha de valores ocorre depois de uma profunda experiência interior, experiência esta conduzida pelo *daímon*, essa voz divina que fala na pessoa e a impede de fazer certas coisas. De acordo com Hadot (1998), Sócrates acaba admitindo implicitamente a existência de um desejo inato do bem em todos os homens, isto é, o homem por natureza busca fazer o bem, mas se ele faz o mal é porque crê encontrar o bem em tal ação. Desse modo, “é na “alma”, em suma, que tem lugar a opção profunda que orienta a vida humana segundo o justo ou o injusto, e é ela, portanto, que constitui a verdadeira essência do homem, sede de sua verdadeira *areté*” (VAZ, 1991, p. 35).

Aos olhos de Sócrates, *apud* Hadot (2014), o único mal é a falta moral e o único bem é a vontade de fazer o bem. Deste modo é necessário ao homem examinar rigorosamente a maneira de viver, verificar se está sendo guiado pelo desejo de fazer o bem ou o mal. Salienta Tarnas (1999, p.49) que Sócrates

acreditava que somente através do autoconhecimento e da compreensão da psique poder-se-ia encontrar a verdadeira felicidade. [...]. A felicidade não seria a consequência de circunstâncias físicas ou externas, da riqueza, do poder ou da reputação, mas de uma vida boa para a alma.

Assim, o exame de consciência socrático deve ser realizado cotidianamente, a cada instante, sendo a transformação interior refletida exteriormente. Esta seria uma transformação jamais definitiva, mas uma perpétua reconquista da intenção de fazer o bem, implicando consequentemente a transformação social.

5. O ‘CUIDADO DE SÍ’ SOCRÁTICO

Sócrates não é um homem que está retirado da vida social, mas ao contrário, faz parte dela. Participa da vida da cidade tal como ela é, porém tem um diferencial dos outros. Ao contrário da grande maioria das pessoas de sua época, Sócrates não tem medo de conhecer-se, encarar e conflitar-se interiormente, buscando sempre ser uma pessoa melhor.

Diz Sócrates na *Apologia de Sócrates* escrita por Platão, não tenho nenhum cuidado com aquilo de que a maioria das pessoas cuida, negócios de

¹⁷“Conoce el valor de la acción moral y de la intención moral, porque dependen de su elección, de su decisión, de su compromiso; tienen pues su origen en él mismo”(HADOT,1998,p.46).

dinheiro, administração de bens, cargos de estratégia, sucessos oratórios em público, magistraturas, coalizões, facções políticas. Engajei-me não nesta via... mas naquela onde, a cada um dos senhores em particular, eu farei o maior bem tentando persuadi-lo de se preocupar menos com o que tem do que com o que é, para tornar-se tão excelente e razoável quanto possível (HADOT,2014,p.104).

Nesse sentido, Sócrates tal como ele cuida de si, busca ser uma pessoa melhor e apropriando-se do conhecimento como uma forma de conhecer-se e de viver, considerando que quanto mais ele conhece mais precisa se conhecer porque vê que nada sabe. Ele é um pensador “enraizado” na existência, não é como outros posteriores e atuais um filósofo tão somente especulativo, mas um filósofo que ama, que tem em si um desejo ardente e propulsor, levando-o a buscar incessantemente a sabedoria, não esquivando-se da existência enquanto tal. Assim, “Sócrates não tem um sistema para ensinar. Sua filosofia é inteiramente exercício espiritual, novo modo de vida, reflexão ativa, consciência viva” (HADOT, 2014,p.106). Ele transcende os homens e as coisas por sua exigência moral, implicando um empenho enorme para ao invés de uma mera teoria, a filosofia ser fruto da vida, da vivência cotidiana, concretizando-se não numa filosofia, mas na verdadeira filosofia, haja vista que, “Sócrates não tem um sistema para ensinar. Sua filosofia é inteiramente exercício espiritual, novo modo de vida, reflexão ativa, consciência viva” (HADOT, 2012, p. 24).

Assim, ele vive se ocupando do outro, com o intuito de que o seu interlocutor também experimente o que fora e é constantemente experimentado por ele, Sócrates é um filósofo da rua, alguém que fala com todos e para todos, a fim de conscientizar o maior número possível de pessoas a respeito da própria ignorância. Este método “trata-se então de uma autodepreciação fingida, que consiste, de início, em se fazer passar exteriormente por alguém comum e superficial” (HADOT, 2014,p.100). Mais do que examinar o conteúdo de seu interlocutor, ele analisa o interlocutor, a pessoa, o seu caráter. A questão que o move em seus diálogos é se acaso a pessoa vive de acordo com o que diz, com o que defende. “O questionamento do discurso leva de fato a um questionamento do indivíduo, que deve decidir se tomará ou não a resolução de viver segundo a consciência e a razão” (HADOT, 2012, p. 22). Sócrates vai interrogando as opiniões do interlocutor ao ponto de que o outro se contradiz, refutando aquilo que já fora dito e percebe então a inconsistência de suas crenças, gerando assim vergonha ou até mesmo raiva de si mesmo e de Sócrates.

O ponto capital, nesse método irônico, é o caminho percorrido em conjunto por Sócrates e seu interlocutor. Sócrates finge querer aprender algo com seu interlocutor: é aí que reside a autodepreciação irônica. Mas, de fato, não obstante ele pareça se identificar com seu interlocutor, entrar

totalmente em seu discurso, no final das contas é o interlocutor que, inconscientemente, entra no discurso de Sócrates, identifica-se com Sócrates, isto é, com a aporia e a dúvida, não esqueçamos, pois Sócrates nada sabe, ele sabe somente que nada sabe. Ao final da discussão, então, o interlocutor não aprendeu nada. Ele não sabe mais nada. Durante todo o tempo da discussão, porém, ele experimentou o que é a atividade do espírito, melhor ainda, ele foi o próprio Sócrates, isto é, a interrogação, o pôr em questão, o recuo em relação a si mesmo, isto é, finalmente, a consciência (HADOT, 2014,p.102-103).

Desse modo, Sócrates propõe uma mudança radical, não sendo necessário isolar-se da realidade e da vida social, porém é no mundo, na vida cotidiana em que a pessoa vai progredir interiormente. Sócrates é o mais sábio dos homens, justamente por saber que sua sabedoria não tem valor algum em face da verdadeira sabedoria que é inacessível aos homens¹⁸. Ora, “se Sócrates se recusa a ser considerado como um mestre, [...], se ele se recusa a ensinar, é que ele não tem nada a dizer, que ele não tem nada a comunicar, pela boa e simples razão de que ele nada sabe [...]” (HADOT, 2012, p. 17-8). Sócrates causava incômodo e um certo desconforto aos cidadãos atenienses, pois enquanto estavam procurando reconstruir a ordem social pelo externo, por meio da formação do homem capaz de falar, se expressar e convencer o povo, Sócrates propõe um outro caminho distinto. Ele acredita ser fundamental que em meio a crise da sociedade ateniense, haja pessoas capazes de ter um olhar mais humano, tendo em vista primeiramente a “desconstrução e reconstrução interior”¹⁹ do homem, pois a posterior será consequência desta.

Defronte a isso, acerca de seu papel em meio aos homens, para aqueles que o criticavam, ele clarifica que não parece normal o abandono do cuidado de seus assuntos e bens familiares para estar “sempre me ocupando de vocês aproximando-me de cada um como um pai ou um irmão mais velho persuadindo-os a preocuparem-se com a virtude” (HADOT, 1998, p. 50)²⁰. Assim, Sócrates é a figura do “eterno vagabundo” que busca a verdade e o herói que morre por defende-la e pregá-la, não por palavras, mas utilizando-se delas – das palavras – para levar o outro por meio do diálogo a vislumbrar a mesma – a verdade -.

¹⁸ Nesse sentido ainda salienta Hadot (2014,p.108): “Desse sentimento de privação nasce um imenso desejo. Eis por que Sócrates, o filósofo, revestirá, para a consciência ocidental, os traços de Eros, o eterno vagabundo em busca da verdadeira beleza”.

¹⁹ Desconstrução aqui não é utilizado na perspectiva dos modernos como Derrida e outros, mas no entendimento da dialética e maiêutica socrática. Isto é, romper as estruturas fragilizadas, estereotipadas, buscando aquilo que é mais profundo no ser humano, leva-lo a despertar suas potencialidades.

²⁰ “*siempre ocupándome de lo vuestro, acercándome a cada uno privadamente como un padre o un hermano mayor, intentando convencerle de que se preocupe por la virtud*” (HADOT,1998, p.50, tradução própria).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia proposta por Sócrates vai além de uma mera teoria sistêmica, porque ele não ensina manuais, sua filosofia é centrada inteiramente no indivíduo, por meio de exercícios espirituais, uma reflexão constante acerca da situação vivencial. O interlocutor ao dialogar com Sócrates via-se à beira de um precipício, visto que todas as construções tidas até então são desconstruídas após um bom diálogo com o “mestre”.

A alma entendida por Sócrates é a sede da *areté*, é aquilo que impulsiona, a sede da virtude, dominando a própria alma o homem torna-se livre. Em vista disso, ele é tido como o fundador da antropologia, ao invés de centrar especulações em relação a origem do cosmo tal como os naturalistas, ele pergunta pelo próprio homem e questiona o mesmo. A grande preocupação de Sócrates é o cuidado da alma, haja vista que o corpo é perecível, sendo a transformação exterior um reflexo da interioridade do homem.

Sócrates leva o ser humano a refletir sobre o “verdadeiro” papel da filosofia, trazendo o conceito vivencial e não apenas um discurso eloquente. Uma filosofia que é pautada na realidade, que discute a realidade, não conceitos abstratos e pouco claros muitas vezes. Ele auxilia à reflexão acerca do papel do filósofo e do docente nos dias atuais, isto é, um agente que deve estar inserido em seu tempo e espaço, sendo capaz de levantar os questionamentos e reflexões acerca da realidade, possibilitando uma transformação social.²¹

Desse modo, ao analisar o pensamento socrático na perspectiva de Pierre Hadot, percebe-se que se faz necessário e fundamental revisitar a figura de Sócrates, pois este contribui para a definição da identidade do filósofo e, por sua vez, do “mestre. Hadot apresenta o filósofo como aquele que questiona, não alguém que tem respostas prontas, mas que sempre está buscando a verdade, motivado pelo ímpeto de transformação de si. Isso acontece, porque nessa perspectiva o mais importante reside na alma, sendo essa a sede da *areté*. Nesse sentido, a transformação social será um reflexo da interioridade.

²¹ Não uma revolução como proposta por Karl Marx e outros dessa vertente, mas uma transformação, isto é, propiciar outras formas de pensar e agir em sociedade.

REFERÊNCIAS

- REALE, Giovanni. **História da filosofia: Antiguidade e Idade Média**. São Paulo: Paulus, 1990.
- MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia: Dos pré-socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- HADOT, Pierre. **¿Qué es la filosofía antigua?**. México: Fondo de Cultura Económica, 1998.
- _____, Pierre. **Elogio de Sócrates**. São Paulo: Loyola, 2012.
- _____, Pierre. **Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga**. São Paulo: É Realizações Editora, 2014.
- TARNAS, Richard. **A epopeia do pensamento ocidental: para compreender as deias que moldaram nossa visão de mundo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- VAZ, Henrique C. de Lima. **Antropologia Filosófica I**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.
- PEREIRA, Bianca Cristina Viera. **Exercícios Espirituais: Pierre Hadot, Michel Foucault e a filosofia como modo de vida**. s/d. Disponível em: <http://antropologia.com.br/arti/colab/a11-bpereira.pdf>
- BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 1973.

Universidade Católica de Petrópolis
Centro de Teologia e Humanidades
Rua Benjamin Constant, 213 – Centro – Petrópolis
Tel: (24) 2244-4000
synesis@ucp.br
<http://seer.ucp.br/seer/index.php?journal=synesis>



VERAS, Cesar Augusto et al. Apreciação acerca do pensamento socrático na perspectiva hadotiana. **Synesis**, v. 11, n. 2, fev. 2020. ISSN 1984-6754. Disponível em: <http://seer.ucp.br/seer/index.php/synesis/article/view/1811>
